

EDITORIAL

A Comunidade Cartográfica Brasileira reuniu-se, em 15 de setembro do corrente ano, no auditório Petrônio Portella, do Senado Federal, para prestar duas homenagens singelas mas, muito significativas, ao Congresso Nacional e à Cidade de Brasília, no ano em que esta comemora seus 25 anos de existência.

A primeira homenagem, os cartógrafos brasileiros tiveram a grata satisfação de fazê-la no recinto mesmo do Congresso Nacional de onde procedeu o primeiro diploma legal disciplinador da cartografia e dos aerolevantamentos no Brasil: a Lei nº 960, de 08 de dezembro de 1949.

Na casa dos representantes do povo brasileiro, doutos legisladores, sábios conhecedores da importância da Cartografia para a sabedoria nacional e dos riscos para a nossa segurança, não omitiram os preceitos da Lei complementar 960, e os inseriram, tanto na Constituição de 1967, como na de 1969, atribuindo à União o controle das atividades cartográficas em toda a sua plenitude.

A competência, das Comissões Técnicas, constituídas na Câmara e no Senado, responde pela sabedoria dos dispositivos legais que, conscienciosa e patrioticamente, reservaram para as instituições brasileiras, governamentais e privadas, a tarefa de conhecer o nosso território por operações de aerolevantamento, assim como da visualização das informações pela Cartografia.

No momento em que o Governo da Nova República nomeou uma Comissão de Alto Nível para fornecer subsídios à Assembléia Constituinte, a ser, muito breve, eleita pelo voto direto do povo brasileiro, os cartógrafos deste País colocam-se à disposição de uma e de outra plêiades de ilustres conhecedores dos anseios da Nação, para oferecer a colaboração que lhes esteja ao alcance, podendo afirmar, ao Digníssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional, que não nos move, neste oferecimento, outra intenção que não a de tentar contribuir para que a nova carta magna corresponda, efetivamente, às expectativas do povo brasileiro.

A primeira moção a emanar do XII Congresso Brasileiro de Cartografia, prometida ao Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado, foi, exatamente, no sentido de solicitar que fosse reservado ao Congresso Nacional o privilégio de legislar sobre matéria de tal relevância.

A 2ª homenagem, prestada pelos cartógrafos à cidade de Brasília, teve uma razão muito especial e plenamente justificável.

Reuniu-se a Comunidade Cartográfica, na Capital do País, para, em última análise, comemorar os 25 anos de um fato marcante na história da nossa profissão: a escolha do sítio de Brasília, primeira cidade brasileira que não nasceu à margem de um rio, não surgiu em torno de uma mina, não teve origem como um porto de mar, não floresceu no entroncamento de estradas, nem, sequer, como uma estância mineral ou um local de veraneio. Sua localização foi escolhida à luz de mapeamentos topográficos, temáticos e especiais. A partir de uma cobertura aerofotogramétrica na escala de 1:25.000, constituídas de cerca de 8000 fotografias, derivaram mapas topográficos, geológicos, geomorfológicos, pedológicos, fitogeográficos e de uso da terra, como resultado da aplicação das técnicas da Geodesia, da Astronomia, da Topografia, da Fotogrametria e da Foto-interpretção. Estudado no gabinete, nas imagens e nas cartas, explorando a sofisticação dos equipamentos e a inteligência dos homens, num desafio a sua capacidade de perscrutar toda aquela extensa superfície e conhecer os seus atributos extrínsecos e intrínsecos, no exíguo prazo de um ano.

Todos aqueles elementos cartográficos conduziram à identificação de um compartimento topográfico raramente encontrado na superfície da Terra, extranhamente qualificado como um sítio ideal para receber uma cidade administrativa: com formação geomorfológica própria, água potável disponível, clima ameno, altitude ideal, raras ocorrências de formações adversas à navegação aérea, lençol freático abundante e profundo, camada de solo favorável à construção de subsolos, linhas de metrô e redes subterrâneas de distribuição de utilidades, enfim, todo um conjunto de atributos raramente reunidos em uma área bem conformada, facilmente circundável por uma via limitante e protetora de seus domínios.

Sobre uma carta topográfica, Lucio Costa demarcou o centro da cidade com uma cruz. Em seguida, dispôs um de seus braços sobre a linha de menor declive do domo de solo limitado pelos afluentes do Paranoá, e acomodou o outro braço às curvas de nível da carta, dando forma, assim, ao traçado dos Eixos Monumental e Rodoviário, origem de todo o Plano Piloto a partir daí desenvolvido.

A mesma carta foi usada por Niemeyer para projetar os primeiros palácios e edificações governamentais, o teatro municipal, a catedral metropolitana e tantas outras expressões de sua genialidade.

Cartas especiais foram elaboradas para o projeto das rodovias e da ferrovia que vinculam a nova metrópole aos mais antigos e desenvolvidos centros do País.

Cidade vislumbrada, séculos antes, por Dom Bosco, há de estar predestinada a constituir o núcleo de uma nova e grandiosa civilização ocidental, ao Sul do Equador.

Assim espera e ardentemente deseja a Comunidade Cartográfica Brasileira que se orgulha de ter contribuído para a localização ideal da Capital do Brasil.

Que Nossa Senhora Aparecida a proteja por todo o sempre!

Paulo Cesar Trino
Presidente